



O PERCURSO HISTÓRICO DO BRASIL POR MEIO DA OBRA FÍLMICA “UMA HISTÓRIA DE AMOR E FÚRIA”

Maria dos Anjos Pereira Rodrigues¹
dellanhos2016@gmail.com

Antônio Carlos Freire Sampaio²
acfsampa@uol.com.br

Resumo

A proposta deste artigo reflete a caminhada de pesquisa que vem sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia. O artigo tem como objetivo geral analisar o contexto histórico do Brasil e perspectiva futura por meio da obra fílmica “Uma história de amor e fúria”, dirigido por Luiz Roberto Bolognesi, lançado em 2013. Devido à impressão de realidade que a obra fílmica nos traz, e a força da imagem na construção e conotação de uma história, o espectador não fica passivo a seus efeitos mas dialoga com a obra, com sua visão de mundo e tudo aquilo que o cerca. A proposta metodológica para atingir os objetivos propostos, tem em vista a natureza qualitativa do estudo que teve aporte por meio da pesquisa bibliográfica, documental e representação cultural. Os caminhos traçados por este artigo procuram mostrar um panorama do Brasil em duas vertentes uma teórica e outra por meio da obra fílmica citada, com o objetivo de conhecer nosso passado, termos uma atuação participativa na construção de instrumentos democráticos da sociedade brasileira para termos um futuro promissor em todos os aspectos.

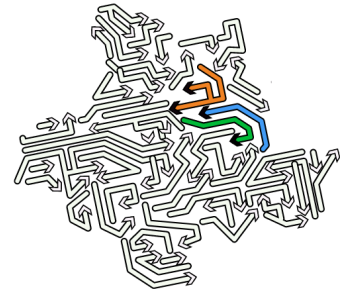
Palavras-chave: Cinema, Cultura, Representação.

Introdução

A linguagem cinematográfica nos incute fascinação, nos mostram outras realidades e também mostra a realidade sobre diversos prismas, com narrativas de diversos gêneros precisamos pensar os usos e atribuições na formação e no acesso à informação por meio da imagem.

¹ Doutoranda do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia-UFU. Este artigo faz parte da pesquisa de Doutorado. Agradeço a Instituição que atuo o Instituto Federal do Triângulo Mineiro –IFTM, pela liberação nesta reta final, para finalização da Tese.

² Doutor e Professor do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia-UFU. Orientador da Pesquisa.



Devido à impressão de realidade que a obra fílmica nos traz, e a força da imagem na construção de uma história, o espectador não fica passivo a seus efeitos mas dialoga com a obra com sua visão de mundo e tudo aquilo que o cerca.

O objetivo geral deste artigo foi analisar o contexto histórico do Brasil e perspectiva futura por meio da linguagem cinematográfica do filme “Uma história de amor e fúria”. Compõe como objetivos específicos deste artigo: mostrar como os períodos históricos podem ser aprendidos e visualizados com o aporte cinematográfico e entender o passado histórico e seu contexto geográfico, para a construção de um presente mais justo e um futuro melhor para todos.

A proposta metodológica para atingir os objetivos propostos, tem em vista a natureza qualitativa do estudo que teve aporte por meio da pesquisa bibliográfica, documental e representação cultural.

Desenvolvemos neste artigo dois tópicos, no primeiro a temática será “Um panorama do contexto histórico do Brasil”, onde procuramos mostrar este panorama baseado em algumas referências clássicas para entender o contexto histórico brasileiro.

No segundo tópico, trazemos para análise: “O percurso histórico do Brasil por meio da obra fílmica: Uma história de amor e fúria”, a referida obra fílmica lançada em 2013 e uma produção e direção de Luiz Roberto Bolognesi, que mostra por meio de uma animação de 74 minutos, 3 períodos históricos brasileiros e 1 período futurístico, mostra que nada mudou no seu contexto sócio-político e econômico.

Portanto, os caminhos traçados por este artigo procuram mostrar este panorama do Brasil, em duas vertentes uma teórica e outra fílmica com o objetivo de conhecer nosso passado, termos uma atuação participativa na construção de instrumentos democráticos da sociedade brasileira no presente, para termos um futuro promissor em todos os aspectos.

Um panorama do contexto histórico do Brasil

O território brasileiro, pertencia a Portugal, que desde 1500, aportaram nas terras de Santa Cruz, implantando uma economia de espoliação da natureza.

Tem-se no período de 1500 até 1900, ciclos constantes de exploração exaustiva dos recursos naturais, matérias primas que são encaminhados a metrópole enriquecendo a coroa



portuguesa e conseqüentemente o extermínio da população nativa, conforme Carvalho (2012,p.18)

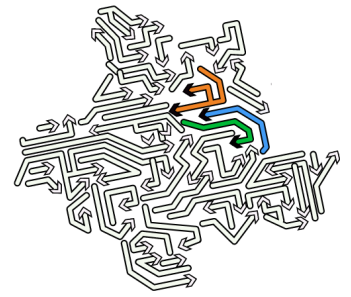
A história da colonização é conhecida. Lembro apenas alguns pontos que julgo pertinentes para a discussão. O primeiro deles tem a ver com o fato de que o futuro país nasceu da conquista de povos seminômades, na idade da pedra polida, por europeus detentores de tecnologia muito mais avançada. O efeito imediato da conquista foi a dominação e o extermínio, pela guerra, pela escravização e pela doença, de milhões de indígenas. (CARVALHO, 2012, p.18)

A Riqueza gerada na economia colonial, como a exploração do Pau Brasil, no litoral brasileiro, a monocultura da cana-de-açúcar no Nordeste, mineração com extração principalmente de ouro e diamante em Minas Gerais e Goiás, a exploração da borracha na região Amazônica e a economia cafeeira, tornaram-se “arquipélagos econômicos”, riquezas que eram geradas mas não integravam-se, no contexto nacional.

Os resultados, o balanço final de três séculos deste processo não podiam deixar de ser parcos, de um ativo muito pobre. E assim foi efetivamente; mas deixemos isto para a análise que adiante se empreenderá. Da economia brasileira, em suma, e é o que devemos levar daqui, o que se destaca e lhe serve de característica fundamental é: de um lado, na sua **estrutura**, um organismo meramente produtor, e constituído só para isto: um pequeno número de empresários e dirigentes que senhoreiam tudo, e a grande massa da população que lhe serve de mão-de-obra. Doutro lado, no **funcionamento**, um fornecedor do comércio internacional dos gêneros que este reclama e de que ela dispõe. Finalmente, na sua **evolução**, e como consequência daquelas feições, a exploração extensiva e simplesmente especuladora, instável no tempo e no espaço, dos recursos naturais do país. É isto a economia brasileira que vamos encontrar no momento em que ora abordamos sua história. (PRADO, 1965, p.123).(Grifos conforme obra do autor)

A mão de obra empregada nas plantações no Brasil Colônia no início era dos escravos, porém, em 1850 o acordo internacional de tráfico negreiro é proibido e interrompido, situação que vai forçar os administradores e coronéis a incentivar a vinda de imigrantes estrangeiros, que vão cumprir dois objetivos: suprir as lavouras com mão-de-obra e branqueamento da raça.

Não é para admirar se, com esse aparelhamento, puderam os interessados no tráfico promover, mesmo, e principalmente, depois de 1845 – o ano de Bill Aberdeen -, um comércio cada vez mais lucrativo e que os transformaria em verdadeiros magnatas das finanças do Império. Pode-se bem estimar a



importância do golpe representado pela Lei Eusébio de Queirós, considerando que, naquele ano de 1845, o total de negros importados fora de 19.363; em 1846, de 50 354; em 1847, de 56 172; em 1848, de 60 mil; em 1849, de 54 mil e em 1850, de 23 mil. A queda súbita que se assinala neste último ano resulta, aliás, não só da aprovação da Lei Eusébio de Queirós, que é de 4 de setembro, como da intensificação das atividades britânicas de representação ao tráfico. A eficiência das medidas adotadas reflete-se no fato de, já em 1851, terem entrado no país apenas 3287 negros, e setecentos em 1852. Depois disso, só se verificaram pequenos desembarques, entre eles o de Serinhaém, em Pernambuco, e o de São Mateus, no Espírito Santo, que resultaram na apreensão, por parte das autoridades, de mais de quinhentos africanos. (HOLANDA, 2014, p.89).

A abolição da escravidão ocorre em 13 de maio de 1888, liberdade que não mudou as condições de trabalhos impostas até aquele momento histórico. No idos de 1886 a 1901, no estado de São Paulo entraram 991.287, imigrantes , a maioria oriundos da Europa Mediterrânea, especialmente Espanha e Itália.

Desta forma, o alicerce laboral da economia cafeeira apoiou-se nos negros (vindos da África), e a partir de 1850 inicia um fluxo cada vez maior de entrada de imigrantes estes vão representar a grande maioria da mão de obra utilizada nas fazendas.

A Proclamação da República ocorre em 1889, tornando o país “independente” da coroa portuguesa. O país vivência nos fins do século XIX e início do século XX, as benesses do século das luzes, apoiado na corrente de pensamento positivista com o lema “Ordem e Progresso”, onde os idealistas almejavam organizar o país com os princípios da racionalidade, que tem seu impacto numa economia com uma herança rural baseado no trabalho escravo, conforme apresenta Holanda (2014)

Enquanto perdurassem intatos e, apesar de tudo, poderosos os padrões econômicos e sociais herdados da era colonial e expressos principalmente na grande lavoura servida pelo braço escravo, as transformações mais ousadas teriam de ser superficiais e artificiosas. Neste sentido pode-se dizer que a tão execrada Lei Federal, de 22 de agosto de 1860, essa “obra-prima de arrocho em matéria de crédito”, como lhe chamaram na época, constituiu como um apelo à realidade. Longe de a provocar, ela apenas veio precipitar a tremenda crise comercial de 1864, a primeira registrada no Brasil imperial que não deveu sua origem a comoções políticas internas ou à ação de fatores internacionais. Essa crise foi o desfecho normal de uma situação rigorosamente insustentável nascida da ambição de vestir um país ainda preso à economia escravocrata com os trajes modernos de uma grande democracia burguesa. (HOLANDA, 2014, p.92)

A Primeira República, tem como ícone o café que é o suporte econômico de importação mais rendoso naquele período. Fator também responsável pelo surgimento e engrandecimento dos Barões do Café, por uma classe alta privilegiada pelo bojo da riqueza gerada, ao qual investiram na construção de palacetes e prédios inspirados no estilo haussmaniano de Paris.

Tenta-se civilizar e seguir o trem da história mudando a cara do Brasil, um país eminente agrário para uma nova face de um país urbano e todas as mudanças que deverão ocorrer para constituir-se um novo país republicano, que para Carvalho (1987) tem um longo caminho:

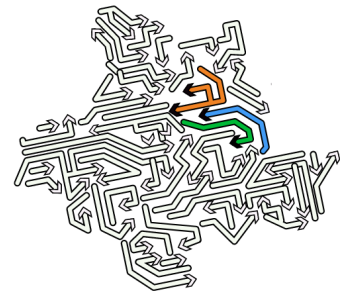
“O problema central a ser resolvido pelo novo regime era a organização de outro pacto de poder, que pudesse substituir o arranjo imperial com grau suficiente de estabilidade. Durante quase dez anos de República, as agitações se sucediam na capital, havia guerra civil nos estados do Sul, percebiam-se riscos de fragmentação do país, a economia estava ameaçada pela crise do mercado do café e pelas dificuldades de administrar a dívida externa. Para os que controlavam o setor mais poderoso da economia (exportação) e para os que se preocupavam em manter o país unido, tornava-se urgente acabar com a instabilidade política.” (CARVALHO, 1987, p.31)

Este pacto de poder visava apenas às resoluções de instabilidade na área econômica e não uma articulação mais ampla em que todos os membros da nova República fossem de fato inseridos de forma igualitária, no caso a composição da população e sua diversidade cultural.

Na mudança de regime Monárquico para uma República, fazia necessário deixar os grilhões da escravidão no passado e dar uma nova roupagem para formação do povo brasileiro, mas o direito à cidadania para o povo brasileiro vai um longo caminho, que não se configura nas primeiras décadas da República.

A situação da cidadania na Colônia pode ser resumida nas palavras atribuídas por Frei Vicente do Salvador a um bispo de Tucumán de passagem pelo Brasil. Segundo Frei Vicente, em sua História do Brasil, 1500-1627, teria dito o bispo: “Verdadeiramente que nesta terra andam as coisas trocadas, porque toda ela não é república, sendo-o cada casa.” Não havia república no Brasil, isto é, não havia sociedade política; não havia “repúblicas”, isto é, não havia cidadãos. Os direitos civis beneficiavam a poucos, os direitos políticos a pouquíssimos, dos direitos sociais ainda não se falava, pois a assistência social estava a cargo da Igreja e de particulares. (CARVALHO, 2012, p.23-24).

Desta forma, inicia todo um trabalho ideológico para substanciar uma identidade de formação do povo mestiço, sem preconceito, tolerante e cordial, conforme descreve o autor



Fiorin (2016,p.64): “Essa autodescrição, na verdade, não começa com o modernismo nem com os livros que buscaram estudar o “caráter” nacional na década de 1930. Inicia-se com o romantismo, logo depois da independência política, quando era preciso construir a nacionalidade”.

Na construção de uma nação livre e independente da metrópole Portuguesa, fazia-se necessário lançar outros alicerces na tentativa de formação de elementos que desce coesão a sociedade brasileira, conforme Holanda (2014) a contribuição do povo brasileiro e oferecermos a mundo o “homem cordial”:

Já se disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade – daremos ao mundo o “homem cordial”. A lhanza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. Seria engano supor que essas virtudes possam significar “boas maneiras”, civilidade. (HOLANDA,2014, p.176)

Outra questão que se diferencia da metrópole e o uso da Língua Portuguesa que em novas paragens e com acréscimo e contribuições linguísticas da matriz Africana e Indígena, passa a ter uma nova expressão.

A Proclamação da República em 1889, traz o discurso de novos tempos, para a configuração não só territorial, mas política e econômica do país agora não mais uma monarquia mas uma República Federativa.

Outra questão que se confirma na formação territorial e identitária do Brasil segundo análise de autores como Sérgio Buarque de Holanda em sua obra Raízes do Brasil (2014, p.85), na qual dedica um capítulo de sua obra para analisar a “Herança Rural” que ainda perdura na atualidade. “TODA A ESTRUTURA de nossa sociedade colonial teve sua base fora dos meios urbanos. É preciso considerar esse fato para se compreender exatamente as condições que, por via direta ou indireta, nos governaram até muito depois de proclamada nossa independência política e cujos reflexos não se apagaram ainda hoje”.

Esta “Herança Rural” o domínio, controle, posse e acesso a terras ainda impera no espaço rural e urbano no Brasil, onde por meio de legislação específica dificulta o acesso à terra e principalmente empurra para a periferia as pessoas mais pobres que vivem em situação de vulnerabilidade social na sua maioria composta por negros e pardos.



Pode dizer que a lógica do colonialismo tem os seus reflexos e perpassa a estrutura social brasileira, segundo Almeida (2019, p.125) “...a lógica da colônia materializa-se na gestão praticada pelos Estados contemporâneos, especialmente nos países da periferia do capitalismo, em que as antigas práticas coloniais deixaram resquícios.”

Neste contexto um dos elementos que favoreceram no surgimento de novas cidades ou na importância destas foram a implantação de ferrovias.

Faz importante destacar, que com a vinda dos imigrantes no final do século XIX, nas primeiras décadas do século XX, começa a formar uma classe de trabalhadores urbanos, atuando nas indústrias nascentes e no comércio.

Com este panorama histórico e geográfico, percebemos que estes elementos teóricos continuam presente no espaço geográfico segundo Santos, (2004), as rugosidades demonstram o tempo histórico.

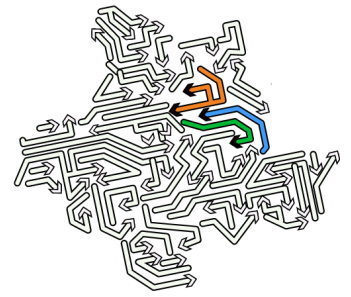
As rugosidades são o espaço construído, o tempo histórico que se transformou em paisagem, incorporado ao espaço. As rugosidades nos oferecem, mesmo sem tradução imediata, restos de uma divisão de trabalho internacional, manifestada localmente por combinações particulares do capital, das técnicas e do trabalho utilizados. Assim, o espaço, espaço-paisagem, é o testemunho de um momento de um modo de produção nestas suas manifestações concretas, o testemunho de um momento do mundo. (SANTOS, 2004, p.85-86)

Portanto, com este arcabouço teórico mostramos um panorama histórico em sua formação sócio espacial, que continua a testemunhar o tempo histórico mostrado pelas rugosidades do presente, no próximo tópico vamos inter-relacionar com elementos da linguagem cinematográfica presente na produção fílmica “Uma história de Amor e fúria”.

O percurso histórico do Brasil por meio da obra fílmica “Uma história de amor e fúria”

O filme “Uma história de amor e fúria”, tendo como diretor, produtor e roteirista Luiz Roberto Bolognesi, que tem uma considerável trajetória em produções fílmicas como: Bicho de Sete Cabeças-2001; Chega de Saudade-2007; As Melhores Coisas do Mundo-2010; A Última Floresta-2021 e outros.

Com trabalhos consagrados, onde seus filmes dão um mergulho em cada tema que traz novas reflexões e análises revelando novas perspectivas para cada um de nós pensarmos no nosso universo do micro ao macro.



O roteiro do filme traz uma inovação, que por meio de uma animação mostra períodos Históricos e futurístico, do Brasil num percurso de 600 anos, vivido inicialmente por um índio Tupinambá que inicia em 1566 e vai até 2096, tentando vencer os conflitos sociais e políticos que perpassa a vida de todos nós. O acesso a obra filmica foi por meio da plataforma do YouTube no respectivo link: https://www.youtube.com/watch?v=y_DYNv8RZ7A.

A linguagem cinematográfica, mostra a representação sócio e cultural de nossas conquistas, dores, alegrias, lutas e problemas sócio-político e econômico que compõe nossa caminhada como indivíduo e abrange a esfera da sociedade que fazemos parte, conforme Hall (2016,p.18):

A Linguagem é capaz de fazer isso porque ela opera como um *sistema representacional*. Na linguagem, fazemos uso de signos e símbolos – sejam eles sonoros, escritos, imagens eletrônicas, notas musicais e até objetos – para significar ou representar para outros indivíduos nossos conceitos, ideias e sentimentos. A linguagem é um dos “meios” através do qual pensamentos, ideias e sentimentos são representados numa cultura. A representação pela linguagem é, portanto, essencial aos processos pelos quais os significados são produzidos. (HALL, 2016, p.18)

A força da linguagem como sistema representacional, ganha corpo e forma na produção de Bolognesi, na obra filmica “Uma história de amor e fúria”, onde o roteiro vai mostrando fatos históricos incorporados nas vivências de seus personagens, o resultado da conquista do território brasileiro, as lutas e revoltas pela garantia de direitos e liberdade que foram sendo negados e negligenciados no decorrer do tempo por aqueles que estão e nunca saíram do comando social e político do país. Nossa visão de mundo tende a ampliar quando entramos em contato com outras visões de mundo e de formas representacional que expressam e mostram uma temática por outro prisma, Xavier (2021,p.52) destaca: “A ideia de representação permanece, assim como a busca de uma relação com o espectador nas mesmas bases da narração contínua que desenrola uma totalidade autossuficiente em evolução. A ideia do mundo ficcional como microcosmo que reproduz algo real não é abandonada.”

A narrativa filmica retrata três fases históricas e uma futurística, onde mostra que um homem que vive estas 4 fases, devido ao poder do mito de Munhã, não deixa que ele morra, ele sempre volta tentando vencer as injustiças e viver sua história de amor com Janaína em todas estas fases, conseqüentemente o espaço geográfico dos períodos históricos e futurístico vão ficando em evidência, conforme coloca Oliveira, (2005,p.30) “O cinema recoloca as



pessoas nos lugares e espaços. Os territórios cinematográficos são, via de regra, construídos pelos passos e olhares dos personagens”.

Estas fases que representam períodos históricos e futurístico inicia seu primeiro período em 1566, no momento de ocupação do território brasileiro pelos portugueses, o Índio Abeguar, que é da tribo dos Tupinambás, em terras de Guanabara do Rio de Janeiro, passa por um rito onde o Pajé informa que “Esta terra será dominada por Anhangá” (6 minutos e 42 segundos), trazendo dor e sofrimento.

O diretor utiliza do mito de Anhangá, conhecido nas culturas indígenas principalmente da região Norte do país, para expressar todo o mal e tudo que decorre de ações injustas como originário de Anahngá.

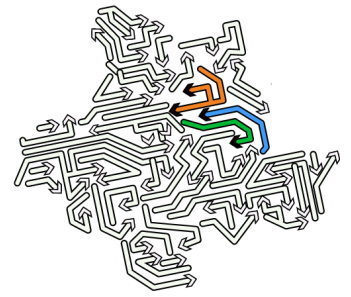
A missão de Abeguar é vencer o domínio de Anhangá, que destrói as florestas, contamina os rios e destrói a vida em todas as suas formas, para vencer Anhangá, Munhã não deixará que ele morra. Quando a morte atingir seu corpo físico ele se transformará em pássaro, e retornará a vida para lutar contra as injustiças imperadas por Anhangá e viver sua história de amor com sua amada Janaína que é interrompida pelas circunstâncias.

No primeiro período os índios Tupinambás são dizimados pelos conquistadores portugueses e desaparecem da costa do Rio de Janeiro, acontecimento que se estende por todo território nacional, as etnias que sobrevivem aos massacres vão se refugiando nas regiões de mata fechada.

Revolta dos Balaio: 2º Período Histórico

No segundo período histórico ocorre no início do século XIX, no Maranhão, o índio Abeguar, retorna como Manuel Balaio, líder de uma revolta sertaneja contra os abusos de policiais e fazendeiros que oprimiam os pequenos produtores. Acusado de proteger quilombolas, tem sua casa invadida por policiais e sua filha abusada por eles.

Diante dos recorrentes abusos, se reúne na feira e pergunta aos moradores se os policiais também invadiram a casa deles, e comenta: “A política é pior que o demônio! Isto não pode continuar.” (26min e 18 segundos)



Convoca o pessoal para luta e inicia a revolta dos balaios: “A nossa briga com o governo trouxe gente de todo canto, Carinana, Raio, Sete Estrelas, Raimundo Gomes. Vaqueiros mais valente do Maranhão, vieram brigar com a gente. Tava todo mundo cansado de ver o governo só puxando sardinha para os fazendeiros”. (29min e 02 segundos).

A elite classe dominante representado pelos políticos se reúnem e sentem-se ameaçados pela revolta dos Balaios, conforme trecho da obra filmica: “O Império está ameaçado. Perdemos o controle das províncias do Norte. Os rebeldes tomaram Caxias. Não se esqueçam, senhores, que no Haiti os negros expulsaram as tropas de Napoleão. Chegou a hora deste país ter um exército de verdade”. (30minutos e 53 segundos).

Para resolver o impasse e mostrar a força do Império, a solução e demonstrar quem está no comando para poder desarticular a revolta e retornar a suposta “Paz”.

Assim e convocado o Coronel Luís Alves de Lima e Silva, que comanda as tropas, mata os revoltosos e recebe o reconhecimento com o título Barão Duque de Caxias com a homenagem de patrono do Exército Brasileiro.

Esta fase encerra com a seguinte narrativa de Manuel Balaio: “Essa nossa guerra é apenas uma data nos livros de história. Ninguém conta que Carinana, Sete Estrelas e Raio, escaparam e ficaram vagando pelos sertões. E ai nasceu o cangaço. Foi o jeito que a turma que não abaixa a cabeça achou para continuar lutando.” (34 minutos e 46 segundos).

Manuel Balaio, morre junto com os revoltosos e na narrativa filmica volta a ser pássaro não vence novamente a força de Anhangá que continua no decorrer do tempo destruindo vidas.

Os líderes da revolta que consegue escapar, ficam vagando pelos sertões, que vão dar origem ao grupo de cangaceiros, que vão tentar a sua forma ser um viés de implementação da justiça do povo do sertão.

Percebemos que o “homem cordial”, não é tão cordial assim, o povo diante das injustiças e negação de direitos de todas as formas vão se organizando, tentando vencer Anhangá, para que a justiça e igualdade vença no final.

Ditadura Militar: 3º Período Histórico

No terceiro período histórico ocorre em 1968 na cidade do Rio de Janeiro, no período da ditadura militar. O índio Abeguar que tinha sido Manuel Balaio volta como Carlos Estrada



o Cau, reconhece na multidão sua amada Janaína que está participando de um protesto contra a ditadura.

Entra no movimento guerrilheiro Ação Democrática que Janaína participava e junto com o grupo planejam a invasão a um Banco, para conseguir recursos financeiros para luta.

A ação dá certo, mas depois ao entregar o dinheiro ao suposto colaborador Cau e Janaína são presos, pelos militares Cau é torturado para confessar o crime e entregar o grupo. Depois de torturado, na eminência de Janaína, sofrer torturas e abusos, Cau entrega o grupo e livra Janaína, mas fica preso.

Quando cumpre os 7 anos de prisão e ou ser renegado pelos militantes da Ação Democrática, Carlos Estrada – Cau, se arma e luta de outra forma, vai para favela ser professor e ensina os jovens a procurar outro caminho, era conhecido como professor Cau.

Mas a luta é interrompida, com a invasão de policiais no morro e Cau é morto junto com os jovens que lá se encontra. “Policiais invadem a Favela, Joselinton de Jesus, o Feijão e Marciano Teixeira, o Mineirinho. Os policiais declaram que Carlos Estrada, o Professor Cau, também foi morto na operação, mas o corpo desapareceu.” (50 minutos e 53 segundo)

A terra é dominada de novo por Anhangá, que destila seu fel, massacra os jovens, restringe a liberdade, e a vida segue nas nuances explícitas ou não de Anhangá.

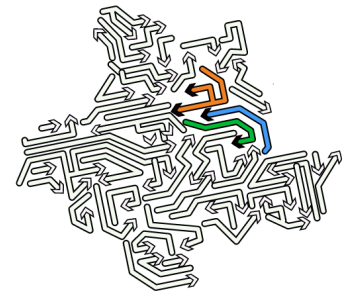
Cenário Futurístico Guerra pela Água: 4º Período 2096

Num futuro não muito distante que ocorre em 2096 na cidade do Rio de Janeiro, a água é vendida num valor muito alto, pois, torna-se um bem natural de difícil acesso.

O acesso a água é conforme o padrão financeiro da pessoa, neste contexto os ricos tem um acesso privilegiado a fontes de água subterrâneas por meio do Aquífero Guarani, e a população de baixa renda vive sem saneamento e sem acesso a água potável.

A empresa que domina a distribuição de água e a Aquabrás, tem suas ações cada vez mais valorizada quando tem-se a diminuição das calotas polares e as condições ambientais vão se degradando.

Neste contexto, o índio Abeguar que tinha vivido Manuel Balaio e Carlos Estrada, volta como jornalista João Candido, que denuncia as injustiças mas não entra em nenhum



movimento de luta, procura viver seu amor o máximo possível com Janaína que vive uma garota de programa.

“Eu denunciava isso todos os dias. Mas minhas críticas não mudavam nada. Só ajudavam a fachada de democracia. Quanto mais atacava, mais eles ficavam fortes. Fazer o quê? Meu prestígio me garantia quota mensal de água nível 3, e comecei a pensar: “Foda-se o resto”. O que podia fazer? Não aguentava mais nadar contra a corrente. Tava cansado de dar murro em ponta de faca. O amor da Janaína era meu, pagava 500 ynans por uma noite com ela.” (55 minutos e 44 segundos)

Assim de certa forma, a luta do jornalista João Candido se restringiu aos palcos das denúncias midiáticas, mas Janaína não deixou de lutar, ela junto com um grupo planejou o sequestro do dono da Aquabrás, para tentar democratizar o acesso a água.

Ela simula um encontro com o dono da Aquabrás para um programa, consegue acesso ao prédio que ele fica e a polícia invade o prédio. Quando João Candido, vê que sua amada está no prédio corre para lá para tentar salvá-la, percebe que quem deixou a luta por um mundo melhor e mais justo foi ele, Janaína procurou formas de vencer Anhangá.

Os planos de Janaína e seu grupo não consegue o desfecho planejado e ela e João Candido encontra-se acudados no teto de um prédio e João não vê outra saída a não ser se atirar novamente no abismo como no início da primeira fase e sai voando entre os prédios: “Mesmo sem perceber, todo dia a gente tá lutando por alguma coisa. Sobe nas minhas costas. O passado é o que está acontecendo agora. A cada dia que passa uma nova página é escrita com histórias cheias de amor e fúria. Viver sem conhecer o passado é viver no escuro.” (1 hora e 04 segundos)

O filme finaliza com este trecho de João Candido, a cada dia temos uma luta ao qual direta ou indiretamente todos e todas fazemos parte e somos chamados e chamadas a nós posicionar.

Para vencer Anhangá, faz-se necessário conhecer o nosso passado histórico para não caminharmos e vivermos na escuridão. Percebe-se, que muitos atores deste roteiro ainda estão presentes na atualidade, a força e a sede do colonizador por bens naturais para exportação e enriquecimento de um pequeno grupo ainda continua, personificados em mineradoras, empresários, agronegócio e outros.

A força policial em sua maioria, continua com toda sua potencialidade para manter uma lei que protege a elite, e governos autoritários, o último período de (2018-2022) do governo do Presidente Jair Messias Bolsonaro, deixa claro que e uma lógica interna dos



comandos das forças armadas, em não apenas cumprir o seu papel de proteger a pátria no quesito segurança, mas estar e ficar nos postos de comando do poder executivo para que a força da arma regem suas pautas na suposta manutenção da ordem e do poder.

Para que este passado não cristalice no presente e configure e seja o nosso futuro, precisamos fortalecer todo processo democrático do nosso país, na escolha dos parlamentares e do Presidente da República, na participação efetiva da sociedade na construção de políticas públicas, no direito e acesso aos bens básicos como educação, saúde, moradia, saneamento básico, trabalho digno e outros para que todos tenham acesso, para assim termos uma sociedade menos desigual e que os caminhos da justiça sejam verdadeiramente plena para todos brasileiros e brasileiras, que o domínio pela força e negação do direito da maioria seja elementos constitutivos do nosso passado.

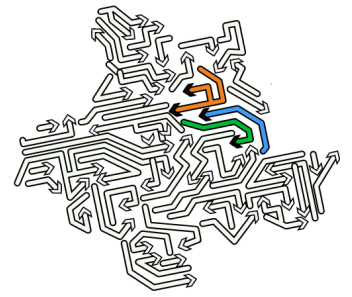
A obra filmica de Bolognesi, e uma aula de história e contexto geográfico em 74 minutos, que mostra que nossas potencialidades presentes têm que ser direcionadas para um futuro melhor para toda a sociedade. Se não pensarmos em construir uma outra lógica em que toda sociedade seja incluída para o acesso dos bens básico, estaremos construindo um futuro com o retrato do passado.

Portanto, lutemos em nosso presente para que nosso futuro Anhangá seja apenas um mito da floresta, que fique extinto seu poder de destruição e não destrua nem florestas e nenhuma forma de vida.

Considerações Finais

Neste artigo procuramos explorar os períodos históricos brasileiros por meio de referenciais teóricos e por meio de uma obra filmica “Uma história de amor e fúria” dirigido por Luiz Roberto Bolognesi, que apresenta por meio de uma animação uma história que não consta nos livros didáticos, para dar voz aqueles que não foram ouvidos nem conhecidos no processo de formação do Brasil.

A linguagem cinematográfica, mostra as várias possibilidades de caminhos de uma construção narrativa que nos interpela a todo momento da história que passou, o que está história representa no presente e qual(is), nossas perspectivas futuras.



A trajetória dos personagens vividos pelo índio Abeguar (1566), Manuel Balaio (1840), Carlos Estrada (1968) e João Candido (2096), mostram como a história se repete e pode não ter uma mudança se a estrutura social que gera uma sociedade extremamente desigual não mudar.

Assim, para haver a mudança e poder contarmos outras histórias, devemos fortalecer mecanismos que assegurem direitos a todos os cidadãos e cidadã de uma vida digna por meio da garantia de direitos básicos tanto pela via governamental como pela organização da sociedade civil.

O filme mostra a luta destes personagens contra a força de Anhangá, mas está luta e cotidiana e deve ser ampliada do nível individual para o coletivo.

Esta fascinação e a força da mensagem que as obras fílmicas representam, foi utilizada de forma dinâmica pelo diretor, para mostrar o passado do Brasil e nos questionar que futuro queremos.

Portanto, o contexto histórico do Brasil traçado até o momento, fica as evidências do que deu certo e o que não deu e o que precisamos mudar e sua perspectiva de futuro vai depender de nossas escolhas e lutas no presente.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2019.

CARVALHO, José Murilo. **Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi.** São Paulo: Companhia das Letras. 1987.

CARVALHO, José Murilo. **Cidadania no Brasil: o longo caminho.** 15ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

FIORIN, José Luiz. Identidade nacional e exclusão social, Campinas, **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v.58, n.1, jan.abr/2016. Pp.63-75.<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8646154/13242>> acesso em 10/07/2020.

HALL. Stuart. **Cultura e Representação.** Rio de Janeiro: Ed.PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HOLANDA. Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil.** 27ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

OLIVEIRA, Wenceslao Machado de Jr. O que seriam as geografias de cinema? **Revista txt – leituras transdisciplinares de telas e textos.** Belo Horizonte, n. 2, p. 1-9, dez. 2005.



Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/atelaetexto/revistatxt2/wenceslao.htm>. Acesso em 12 de out de 2020.

PRADO, Caio Júnior. **Formação do Brasil contemporâneo: Colônia**. Ed. Brasiliense. São Paulo. Brasil, 1965.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia e uma Geografia crítica**. 6º ed., São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2004.

UMA HISTÓRIA DE AMOR E FÚRIA. Direção: Luiz Roberto Bolognesi. Brasil. 2013.
Disponível em:< https://www.youtube.com/watch?v=y_DYNv8RZ7A. > Acesso em: 04 fev. 2023.

XAVIER, Ismail. **O discurso cinematográfico: A opacidade e a transparência**. 11ªEd. São Paulo: Paz e Terra, 2021.